

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro
Estudo 5 – Comprometidos com o Passado
Josué 5; 18:1- 10; 20 a 22

Elaborado por Solange Livio
slivio@ibest.com.br

Considerando o conteúdo da última lição, ficamos com a impressão de haver finalizado o estudo no livro de Josué, uma vez que chegamos à ocupação da terra de Canaã pelo povo de Israel, em cumprimento à promessa do Senhor.

No entanto, dois temas ficaram por abordar, o que faremos nesta e na próxima lição. Face ao significado que apresentam e ao vasto conteúdo que abrangem, é bom que sejam observados destacadamente.

Nesta oportunidade, a nossa atenção se volta para as celebrações de caráter religioso e espiritual que marcaram a chegada do povo de Israel em Canaã, desde a passagem pelo rio Jordão.

São ritos, cerimônias e memoriais que retratam o compromisso do povo com o passado e, sobretudo, o comprometimento com o Senhor, como povo de Deus que era.

Sendo nação eleita para servir ao Senhor e povo que Deus tomou para si, Israel recebeu estatutos que deveria cumprir. Além de obediência ao Senhor, a observância desses estatutos identificava Israel como povo de Deus, uma vez que foram instituídos pelo Senhor e alguns deles serviam como sinal do pacto estabelecido com o Senhor (Gênesis 17:10).

Seguindo a ordem seqüencial dos acontecimentos, vamos iniciar pela travessia do Jordão.

Conforme já visto na lição 2, a passagem pelo rio Jordão foi toda ela marcada pela manifestação sobrenatural de Deus. O milagre ocorrido na separação das águas por si só fala da presença de Deus operando com poder neste episódio.

No entanto, a utilização da arca do Senhor na travessia do rio, da forma como Ele mesmo determinou, além de simbolizar a presença de Deus guiando o seu povo, mostrava o significado espiritual de tudo o que dizia respeito à conquista de Canaã.

A arca do Senhor não foi apenas transportada com a passagem do povo. Sendo levada pelos sacerdotes, porque somente eles podiam conduzir este móvel sagrado, a sua permanência no meio do leito do rio, até que todo o povo terminasse de passar, conferiu à travessia de Israel pelo Jordão um significado solene.

Tão solene e de grande relevância espiritual, a ponto do Senhor ordenar a Josué que erigisse dois memoriais, ambos formados por doze pedras cada um, tiradas do leito do rio. As pedras representavam as doze tribos de Israel. Um deles foi deixado no Jordão, no local onde esteve a arca, para ser coberto pelas águas do rio. O outro foi erguido em Gilgal, o primeiro local de Canaã a ser

pisado por Israel. A finalidade era servir de sinal e lembrança para as gerações seguintes de Israel de que “*as águas do Jordão foram cortadas diante da arca do Senhor*”, lemos em Josué 4:7, e “*para que todos os povos da terra conheçam que a mão do Senhor é forte: a fim de que temais ao Senhor vosso Deus todos os dias*” (Josué 4:24).

A recordação das misericórdias de Deus e de seus feitos tem grande proveito ao fortalecimento da fé e à preservação do temor do Senhor em nosso coração, enquanto que, pelo esquecimento, o valor de preciosas verdades se apaga. Conhecendo a nossa deficiência humana em esquecer, o Senhor facilita a lembrança de acontecimentos importantes para a nossa vida espiritual.

Há estudiosos da Bíblia que consideram haver um paralelo entre esses dois memoriais e a nossa experiência de salvação em Cristo. O monumento deixado no Jordão para ser coberto pelas águas aponta para a morte de Cristo em nosso lugar, a fim de cumprir o julgamento divino; o memorial em Gilgal fala da nossa completa libertação desse julgamento e da associação que, pela fé, temos com a ressurreição de Cristo, para andarmos em novidade de vida, conforme Romanos 6:4 e 5.

Concluída a travessia do Jordão, Israel acampou em Gilgal, local situado a meio caminho entre o Jordão e Jericó, e ali montou sua base de operações para as futuras campanhas militares.

Quatro acontecimentos de caráter essencialmente espiritual marcaram a chegada de Israel em Canaã, antes mesmo que desse início às lutas contra os povos inimigos.

Por determinação do Senhor, a cerimônia do rito da circuncisão foi novamente realizada em Israel. “*...Passa de novo a circundar os filhos de Israel*”, disse o Senhor a Josué (5:2).

A expressão ‘de novo’ não equivale a ‘segunda vez’ como se já tivessem sido circuncidados, porém significa a retomada da prática da circuncisão pelos filhos de Israel, deixada de ser observada durante os quarenta anos do deserto.

Os filhos de Israel que entraram em Canaã com Josué não foram os mesmos que saíram do Egito com Moisés. Aqueles morreram e não chegaram a entrar na terra da promessa em razão de sua rebeldia.

Os homens da nova geração, nascidos no deserto, não haviam sido circuncidados. Era necessário que o fossem agora porque a circuncisão era um sinal do pacto feito entre o Senhor e o seu povo, tendo o seu início com Abraão. Pela circuncisão eles se tornavam participantes das promessas contidas na aliança feita com Abraão e seus descendentes, de acordo com Gênesis 17:9-14. Significava, ainda, que os israelitas pertenciam exclusivamente a Deus e formavam uma nação privilegiada pela aliança feita com o Senhor.

Assim disse o Senhor depois que toda a nação foi circuncidada: “*Hoje revolvi de sobre vós o opróbrio do Egito*” (Josué 5:9). Há duas significações para a expressão ‘opróbrio do Egito’. Ela pode se referir à miséria e à humilhação de Israel durante a escravidão no Egito. Pode, também, indicar o escárnio dos egípcios sobre os israelitas por julgarem que Deus os tirara do Egito, porém se esquecera deles no deserto, pelo que não chegariam à terra prometida (Êxodo 32:12 – Deuteronômio 9:28).

Agora, estando já na terra da promessa e sendo participantes do pacto com o Senhor, sinal da circuncisão, os filhos de Israel recebem a honra de ser uma nação com terra própria, como outras nações importantes do mundo de então, e dão testemunho de que Deus não abandonou o seu povo.

Revolvido, ou seja, removido foi o opróbrio do Egito sobre Israel. Em Gilgal, cuja raiz hebraica do seu nome significa revolver.

A segunda solenidade realizada pelo povo de Israel, também em Gilgal, foi a celebração da Páscoa, numa demonstração do seu compromisso com Deus e com o seu passado. A Páscoa fora instituída por Moisés, sob orientação divina, como comemoração da libertação do povo de Israel do Egito.

Um dia após à celebração da Páscoa, Israel comeu do fruto da terra prometida. Ocorreu, então, um terceiro fato significativo: no dia seguinte, o maná que Deus mandara do céu durante os 40 anos de deserto cessou. Não era mais necessário alimentar o povo por esse

meio. Israel já se encontrava na terra que mana leite e mel.

De modo semelhante, Cristo é o nosso maná espiritual, o “*pão que desceu do céu*” (João 6:51) e que nos sustenta em nossa jornada terrena, até que cheguemos à Canaã celestial.

O quarto acontecimento foi de natureza sobrenatural. Um anjo apareceu e se apresentou a Josué como ‘príncipe do Exército do Senhor’, a quem Josué deveria se submeter. A conquista de Canaã tinha um comandante divino, uma vez que tudo indica se tratar da aparição do próprio Senhor Jesus, o Filho de Deus. Evidência disso é o fato de ter recebido a adoração prestada por Josué, devida somente a Deus. Os anjos do Senhor recusam qualquer adoração que lhes seja oferecida, por saberem que somente Deus é digno de ser adorado.

O Deus de Abraão: único Deus, eterno, criador do céu e da terra, o Grande Eu Sou, fiel em todas as suas promessas, que em Cristo nos libertou da escravidão do pecado, firmando conosco um novo pacto. A Ele, sim, “*Ao Deus de Abraão louvai!*” (Hino 14 – Cantor Cristão).

Consulta Bibliográfica:

BLAIR, Hugh J. *‘Josué’ O Novo Comentário da Bíblia*. Vol. 1

São Paulo: Edições Vida Nova, 1963.

DOUGLAS J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. 2ª ed.

São Paulo: Vida Nova, 1995.